

1. Confissão religiosa e estratificação social

Basta uma vista de olhos pelas estatísticas ocupacionais de um país pluriconfessional para constatar a notável frequência¹ de um fenómeno por diversas vezes vivamente discutido na imprensa e na literatura católicas² bem como nos congressos católicos da Alemanha: o carácter predominantemente *protestante* dos proprietários do capital e empresários, assim como das camadas superiores da mão de obra qualificada, notadamente do pessoal de mais alta qualificação técnica ou comercial das empresas modernas.³ Não só nos lugares onde a diferença de confissão religiosa coincide com uma diferença de nacionalidade e, portanto, com um grau distinto de desenvolvimento cultural, como ocorre no Leste da Alemanha entre alemães e poloneses, mas em quase toda parte onde o desenvolvimento do capitalismo [na época de sua expansão] esteve com as mãos livres para redistribuir a população em camadas sociais e profissionais em função de suas necessidades — e quanto mais assim se deu, tanto mais nitidamente esse fenómeno aparece estampado em números na estatística religiosa. Está claro que a participação dos protestantes na propriedade do capi-

A dominação da Igreja católica — “que pune os hereges, mas é indulgente com os pecadores”, no passado mais ainda do que hoje — é suportada no presente até mesmo por povos de fisionomia econômica plenamente moderna [e assim também a aguentaram as regiões mais ricas e economicamente mais desenvolvidas que a terra conhecia na virada do século XV]. A dominação do calvinismo, tal como vigorou no século XVI em Genebra e na Escócia, na virada do século XVI para o século XVII em boa parte dos Países Baixos, no século XVII na Nova Inglaterra e por um tempo na própria Inglaterra, seria para nós a forma simplesmente mais insuportável que poderia haver de controle estatístico do indivíduo. [Foi exatamente assim, aliás, que a sentiram amplas camadas do velho patriciado da época, em Genebra tanto quanto na Holanda e na Inglaterra.] Não um excesso, mas uma insuficiência de dominação eclesástico-religiosa da vida era justamente o que aqueles reformadores, que surgiram nos países economicamente mais desenvolvidos, acharam de criticar. Como explicar então que naquela época tenham sido justamente esses países economicamente mais desenvolvidos e, como ainda veremos, dentro deles precisamente as classes [“médias”] “burguesas”, então economicamente emergentes, que não só aguentaram aquela tirania puritana [que até então lhes era desconhecida], mas também desenvolveram, em defesa dela, um heroísmo que as classes *burguesas enquanto tais* raramente haviam conhecido antes e jamais viriam a conhecer depois: “*the last of our heroisms*” {o último de nossos heroísmos} como diz Carlyle não sem razão?

Mas vamos em frente: se, como foi dito, a maior participação dos protestantes na propriedade do capital e nos postos de direção na economia moderna pode ser em parte compreendida como simples consequência da superioridade estatística de seu cabedal patrimonial historicamente herdado, ainda assim se observam fenômenos nos quais, por outro lado, a relação de causalidade *não*

tal,⁴ na direção e nos postos de trabalho mais elevados das grandes empresas modernas industriais e comerciais,⁵ é relativamente mais forte, ou seja, superior à sua porcentagem na população total, e isso se deve em parte a razões históricas⁶ que remontam a um passado distante em que a pertença a uma confissão religiosa não aparece como *causa* de fenômenos econômicos, mas antes, até certo ponto, como *consequência* deles. A participação nessas funções econômicas pressupõe em parte posse de capital, em parte uma educação dispendiosa e em parte, na maioria das vezes, ambas as coisas, estando ainda hoje ligada à posse de riqueza here-ditária ou pelo menos a uma certa abastança. Justamente um grande número das regiões mais ricas do Reich, mais favorecidas pela natureza ou pelas rotas comerciais e mais desenvolvidas economicamente, mas sobretudo a maioria das *ciudades* ricas, haviam-se convertido ao protestantismo já no século XVI, e os efeitos disso ainda hoje trazem vantagens aos protestantes na luta econômica pela existência. Mas aí se levanta a questão histórica: qual a razão dessa predisposição particularmente forte das regiões economicamente mais desenvolvidas para uma revolução na Igreja? E aqui a resposta não é assim tão simples como à primeira vista se poderia crer. Com certeza, a emancipação ante o tradicionalismo econômico aparece como um momento excepcionalmente propício à inclinação a duvidar até mesmo da tradição religiosa e a se rebelar contra as autoridades tradicionais em geral. Mas cabe atentar aqui para o que hoje muitas vezes se esquece: a Reforma significou não tanto a *eliminação* da dominação eclesástica sobre a vida de modo geral, quanto a substituição de sua forma vigente por uma *outra*. E substituição de uma dominação extremamente cômoda, que na época mal se fazia sentir na prática, quase só formal muitas vezes, por uma regulamentação levada a sério e infinitamente incômoda da conduta de vida como um todo, que penetrava todas as esferas da vida doméstica e pública até os limites do concebível.

se entrega de forma tão indubitável. Desses fazem parte, só para mencionar alguns: primeiro, a flagrante diferença generalizada, em Baden como na Baviera ou ainda na Hungria, entre pais católicos e pais protestantes quanto à *espécie* de ensino superior que costumam proporcionar a seus filhos. O fato de que a porcentagem de católicos entre os alunos e os bacharelados dos estabelecimentos de ensino "superior" fique no geral consideravelmente aquém de sua cota no total da população⁷ deve-se em boa parte às diferenças de patrimônio herdado já mencionadas. Mas que também *entre* os bacharelados católicos a porcentagem daqueles que saem dos estabelecimentos modernos, *Realgymnasien*, *Real-schulen*, *höhere Bürgerschulen* etc., especialmente destinados e orientados a preparar para os estudos técnicos e as profissões comerciais e industriais, em poucas palavras, para a vida burguesa de negócios, fique uma vez mais notavelmente *muito atrás* da dos protestantes,⁸ e que a formação oferecida pelos *Gymnasien* humanísticos tenha a preferência dos católicos — esse é um fenômeno que não fica explicado pela diferença de fortunas, mas, pelo contrário, é a ele que se deve recorrer para explicar, por sua vez, o reduzido interesse dos católicos pela aquisição capitalista. De modo ainda mais marcante, uma outra observação ajuda a compreender a reduzida participação dos católicos entre o *operariado* qualificado da grande indústria moderna. É conhecido o fenômeno de a fábrica recrutar uma grande parte de sua mão de obra qualificada entre a nova geração de artesãos, deixando assim a eles a formação de sua própria força de trabalho para daí subtrair-la uma vez completada a formação, fenômeno que se mostra com frequência substancialmente maior entre os camaradas artesãos protestantes do que entre os camaradas católicos. Noutras palavras, os camaradas artesãos católicos mostram uma tendência mais acentuada a permanecer no artesanato, tornando-se portanto *mestres* artesãos com frequência relativamente maior, ao passo que os protestantes

afluem em medida relativamente maior para as fábricas para aí ocupar os escalões superiores do operariado qualificado e dos postos administrativos.⁹ Nesses casos, a relação de causalidade repousa sem dúvida no fato de que a *peculiaridade espiritual inculcada pela educação*, e aqui vale dizer, a direção conferida à educação pela atmosfera religiosa da região de origem e da casa paterna, determinou a escolha da profissão e o subsequente destino profissional.

Ora, a menor participação dos católicos na moderna vida de negócios na Alemanha é tanto mais notável por contrariar a averiguação desde sempre feita [no passado¹⁰ e também] no presente, a saber: minorias nacionais ou religiosas, ao se contraporem como "dominadas" a um outro grupo visto como "dominante", tendem, *em virtude* de sua exclusão, seja ela voluntária ou involuntária, das posições politicamente influentes, a ser fortemente impelidas para os trilhos da atividade aquisitiva; seus membros mais bem-dotados buscam satisfazer aí uma ambição que no plano do serviço público não encontra nenhuma valorização. Isso se fez evidente com os poloneses em vias de incontestável progresso econômico na Rússia e na Prússia [oriental] — ao contrário da Galícia, em que eles eram o grupo dominante —, tal como ocorrera com os huguenotes na França sob Luís XIV, com os não conformistas e os quakers na Inglaterra e — *last not least* — tem ocorrido com os judeus há dois milênios. Mas, com os católicos na Alemanha, nada vemos de semelhante efeito, ou pelo menos nada que salte à vista, e mesmo no passado [ao contrário dos protestantes] não conheceram eles nenhum desenvolvimento *econômico* particularmente saliente nos tempos em que foram perseguidos ou apenas tolerados, nem na Holanda nem na Inglaterra. [Resta, isso sim, o fato de que os protestantes (em particular certas correntes internas, que mais adiante serão tratadas especificamente), *seja* como camada dominante *ou* dominada, *seja* como maioria *ou* minoria, mostraram uma inclinação específica para o racionalismo econômico

que não pôde e não pode ser igualmente observada entre os católicos, *nem* numa *nem* noutra situação.¹¹] A razão desse comportamento distinto deve pois ser procurada principalmente na peculiaridade intrínseca e duradoura de cada confissão religiosa, e *não* [somente] na [respectiva] situação exterior histórico-política.¹²

Trata-se portanto de investigar primeiro quais são ou quais foram, dentre os elementos dessa peculiaridade das confissões, aqueles que atuaram e em parte ainda atuam na direção acima indicada. Ora, numa consideração superficial feita a partir de certas impressões modernas, poderíamos cair na tentação de formular assim essa oposição: que o maior “estranhamento do mundo” próprio do catolicismo, os traços ascéticos que os seus mais elevados ideais apresentam, deveriam educar os seus fiéis a uma indiferença maior pelos bens deste mundo. Esse modo de explicar as coisas corresponde de fato ao esquema de julgamento popularmente difundido nas duas confissões. Do lado protestante, utiliza-se essa concepção para criticar aqueles ideais ascéticos (reais ou supostos) da conduta de vida católica; do lado católico, replica-se com a acusação de “materialismo”, o qual seria a consequência da secularização de todos os conteúdos da vida pelo protestantismo. Também um escritor moderno houve por bem formular o contraste que aparece no comportamento das duas confissões religiosas em face da vida econômica nos seguintes termos: “O católico (...) é mais sossegado; dotado de menor impulso aquisitivo, prefere um traçado de vida o mais possível seguro, mesmo que com rendimentos menores, a uma vida arriscada e agitada que eventualmente lhe trouxesse honras e riquezas. Diz por gracejo a voz do povo: ‘bem comer ou bem dormir, há que escolher’. No presente caso, o protestante prefere comer bem, enquanto o católico quer dormir sossegado”.¹³ De fato, com a frase “querer comer bem” é possível caracterizar, embora de modo incompleto mas pelo menos em parte correto, a motivação daquela parcela de protes-

tantes mais indiferentes à Igreja na *Alemanha de hoje*. Só que no passado as coisas eram muito diferentes: como se sabe, os puritanos ingleses, holandeses e americanos se caracterizavam, como adiante veremos, justamente pelo oposto da “alegria com o mundo”, sendo isso a meu ver um de seus traços de caráter mais importantes. Já o protestantismo francês, por exemplo, conservou por muito tempo e de certo modo conserva até hoje esse caráter que por toda parte foi a marca das igrejas calvinistas em geral e sobretudo daquelas “sob a cruz” na época das guerras de religião. Isso não obstante — ou precisamente por isso, como haveremos de nos perguntar em seguida? — ele ter sido, como se sabe, um dos principais portadores do desenvolvimento industrial e capitalista da França, e assim permaneceu nos estreitos limites que a perseguição permitiu. Se quisermos chamar de “estranhamento do mundo” essa seriedade e o forte predomínio de interesses religiosos na conduta de vida, os *calvinistas* franceses foram *então*, e são, pelo menos tão estranhos ao mundo quanto, por exemplo, os *católicos* do Norte da Alemanha, para os quais seu catolicismo é indubitavelmente um sentimento tão do fundo do coração como para nenhum outro povo na face da terra. E *ambos* se afastam, na mesma direção, do partido religioso dominante: dos católicos da França, tão contentes da vida em suas camadas inferiores e francamente hostis à religião nas camadas superiores, e dos protestantes da Alemanha, hoje absorvidos na vida mundana dos negócios e majoritariamente indiferentes à religião em suas camadas superiores.¹⁴ Poucas coisas mostram tão claramente quanto esses paralelos que com noções tão vagas como o (pretensão!) “estranhamento do mundo” do catolicismo, a (pretensão!) “alegria com o mundo” de cunho materialista do protestantismo e tantas outras noções desse gênero, não se vai muito longe, porquanto nessa generalidade elas estão longe de exatas, quer para a atualidade, quer ao menos para o passado. Quiséssemos entretanto trabalhar

com elas, *então* teríamos que fazer de imediato muitas outras observações que, além dos reparos já feitos, sugerem mesmo que indagemos se a ideia de uma oposição não deveria dar lugar à constatação inversa, de um íntimo parentesco entre estranhamento do mundo, ascese e devoção eclesial, por um lado, e participação na vida de aquisição capitalista, por outro.

De fato é notável — para começar a mencionar alguns aspectos totalmente exteriores — que grande número de representantes precisamente das formas mais internalizadas da piedade cristã tenha vindo dos círculos comerciantes. É o caso em especial do pietismo, que deve a essa procedência um número notavelmente grande de seus adeptos mais convictos. Aqui se poderia pensar numa espécie de efeito contrário que o “mamonismo” provoca em naturezas introvertidas e pouco afeitas a profissões comerciais e, com certeza, como no caso de Francisco de Assis e de tantos daqueles pietistas, foi assim que o mais das vezes o acontecimento da “conversão” se apresentou subjetivamente ao próprio convertido. E de modo análogo se poderia tentar explicar o fenômeno igualmente frequente e notável — do qual Cecil Rhodes é um exemplo —, a saber, que da casa de pastores tenham nascido empresários capitalistas de grande estilo como uma reação contra a educação ascética recebida em sua juventude. Mas esse modo de explicação falha quando um virtuosístico senso de negócios capitalista *coincide*, nas mesmas pessoas e nos mesmos grupos humanos, com as formas mais intensas de uma devoção que permeia e regula a vida toda; e não se trata de casos isolados, mas sim propriamente da marca distintiva de grupos inteiros de igrejas e seitas protestantes historicamente da maior importância. Especialmente o calvinismo, *onde quer que tenha surgido*,¹⁵ exhibe essa combinação. Por menos que ele estivesse ligado, na época da propagação da Reforma, a uma determinada classe em particular em algum país

(como em geral qualquer das confissões protestantes), um traço característico e em certo sentido “típico” das igrejas huguenotes francesas foi que, por exemplo, os monges e os industriais (comerciantes, artesãos) estivessem desde logo numericamente bem representados entre os prosélitos, e assim permaneceram mesmo nos tempos de perseguição.¹⁶ Já sabiam os espanhóis que “a heresia” (ou seja, o calvinismo dos Países Baixos) “fomentava o espírito comercial” [e isso corresponde perfeitamente às opiniões que avançou Sir W. Petty em sua discussão sobre as razões da escalada capitalista nos Países Baixos]. Gothein¹⁷ tem razão quando designa a diáspora calvinista como o “viveiro em que floresceu a economia capitalista”.¹⁸ Alguém poderia aqui considerar que o fator decisivo foi a superioridade da cultura econômica francesa e holandesa, da qual se originou majoritariamente essa diáspora, ou ainda a poderosa influência do exílio e do desencaixe das relações vitais tradicionais.¹⁹ Ocorre, porém, que na própria França, como atestam as lutas de Colbert, a coisa era exatamente a mesma no século XVII. A Áustria mesmo — para não falar de outros países — vez por outra importou diretamente fabricantes protestantes. [Nem todas as denominações protestantes, porém, parecem operar com a mesma força nessa direção. O calvinismo, ao que parece, fez o mesmo também na Alemanha; no Wuppertal como noutras partes, a confissão “reformada”,²⁰ em comparação com outras confissões, parece que favoreceu francamente o desenvolvimento do espírito capitalista. Mais do que o luteranismo, por exemplo, é o que parece ensinar a comparação feita no conjunto e no pormenor, especialmente para o Wuppertal.²¹ Para a Escócia, Buckle e, entre os poetas ingleses, notadamente Keats enfatizaram essas relações.²²] Ainda mais estrondosa é a conjunção, que basta apenas evocar, da regulamentação religiosa da vida com o mais intenso desenvolvimento do senso de negócios justamente naquelas

inumeráveis seitas cujo “estranhamento da vida” se tornou tão proverbial quanto sua riqueza: especialmente os *quakers* e os *menonitas*. O mesmo papel que os primeiros desempenharam na Inglaterra e na América do Norte coube aos últimos nos Países Baixos e na Alemanha. Que na própria Prússia oriental Frederico Guilherme I tenha admitido os menonitas a despeito de sua categórica recusa de prestar serviço militar, por serem os imprescindíveis portadores do desenvolvimento industrial, é apenas um dentre tantos outros fatos conhecidos a ilustrar isso, mesmo levando-se em conta a peculiaridade desse rei. Finalmente, é fato notório que também entre os *pietistas* valeu a combinação de devoção intensa com senso de negócios e sucesso econômico igualmente muito desenvolvidos:²³ basta a gente se lembrar [das circunstâncias na Renânia e] de Calw; e não cabe mais ficar empilhando exemplos em digressões como essas, totalmente provisórias. Isso porque esses poucos exemplos já revelam, todos eles, uma coisa só: o “espírito de trabalho”, de “progresso” ou como se queira chamá-lo, cujo despertar somos tentados a atribuir ao protestantismo, não pode ser entendido, como hoje sói acontecer, [como se fosse “alegria com o mundo” ou de qualquer outro modo] em sentido “iluminista”. O antigo protestantismo de Lutero, Calvino, Knox, Voët, ligava pouquíssimo para o que hoje se chama “progresso”. Era inimigo declarado de aspectos inteiros da vida moderna, dos quais, atualmente, já não podem prescindir os seguidores mais extremados dessas confissões. Se é para encontrar um parentesco íntimo entre [determinadas manifestações d’]o antigo espírito protestante e a cultura capitalista moderna, não é em sua (pretensa) “alegria com o mundo” mais ou menos materialista ou em todo caso antiascética que devemos procurá-lo, mas sim, queiramos ou não, em seus traços puramente *religiosos*. — Montesquieu diz dos ingleses (*Esprit des lois*, livro XX, cap.

7) que “foi o povo do mundo que melhor soube se prevalecer dessas três grandes coisas: a religião, o comércio e a liberdade”. Terá havido porventura uma conexão entre sua superioridade no campo dos negócios — e, num outro contexto, seu pendor para instituições políticas livres — e esse recorde de devoção que Montesquieu reconhece neles?

Toda uma gama de relações possíveis se ergue perante nós, ainda obscuras, tão logo levantamos a questão nesses termos. A missão há de ser, então, a de *formular*, com a máxima nitidez possível em meio à inesgotável multiplicidade que se aloja em cada fenômeno histórico, o que aqui vislumbramos assim, sem nitidez. Mas para chegar a tanto teremos que necessariamente abandonar o terreno das vagas representações gerais com que operamos até aqui e tentar penetrar a peculiaridade característica e as diferenças desses vastos mundos de pensamento religioso que se oferecem a nós, historicamente, nas diversas manifestações da religião cristã.

Antes, porém, é preciso ainda chamar a atenção: primeiro, quanto à peculiaridade do objeto que se trata de explicar historicamente; em seguida, quanto ao sentido em que semelhante explicação é possível no quadro desta pesquisa.

Notas do autor

PARTE I — O PROBLEMA

I. CONFISSÃO RELIGIOSA E ESTRATIFICAÇÃO SOCIAL (PP. 29-39)

1. Os casos discrepantes explicam-se — nem sempre, mas com frequência — pelo fato de a religião professada pelos trabalhadores de uma indústria depender *em primeiro lugar*, naturalmente, da confissão dominante da localidade em que se encontra ou da região onde é recrutada sua mão de obra. Tal circunstância à primeira vista não raro distorce o quadro oferecido por muitas das estatísticas confessionais, por exemplo, para a província da Renânia. Além disso, os dados só são conclusivos nos casos em que a especialização e a contagem das ocupações permitem uma boa identificação de cada categoria num certo decurso de tempo. Do contrário, empresários de empresas muito grandes podem de repente ser incluídos junto com “mestres artesãos” por conta própria na categoria dos “diretores de empresa”. [Antes de mais nada, porém, há que lembrar que o “capitalismo avançado” {*Hochkapitalismus*} dos dias de *hoje* tornou-se independente daquelas influências que a religião professada *podia* exercer no passado, particularmente junto à vasta camada inferior da mão de obra não qualificada. Volto a isso mais adiante.]

2. Ver por exemplo B. Schell, *Der Katholizismus als Prinzip des Fortschrittes*. Würzburg, 1897, p. 31; v. Hertling, *Das Prinzip des Katholizismus und die Wissenschaft*. Freiburg, 1899, p. 58.

3. Um de meus alunos trabalhou o farto material estatístico que possuímos a respeito: as estatísticas confessionais de *Baden*. Ver Martin Offenbacher, *Konfession und soziale Schichtung. Eine Studie über die wirtschaftliche Lage der Katholiken und Protestanten in Baden*. Tübingen/Leipzig, 1901 (vol. IV, fasc. 5 dos *Volkswirtschaftliche Abhandlungen der badischen Hochschulen*). Os fatos e os números com que ilustramos a seguir nosso argumento provêm todos desse trabalho.

4. Em Baden, por exemplo, no ano de 1895, a receita tributária sobre *rendas de capital* foi de 954 060 marcos por mil evangélicos, contra 589 mil marcos por mil católicos. Os judeus, com mais de 4 milhões de marcos por mil indivíduos, atingiram de longe o ponto mais alto (cifras obtidas por Offenbacher, *op. cit.*, p. 21.).

5. Comparar a respeito o conjunto dos argumentos do trabalho de Offenbacher.

6. Também aqui, para análises mais detalhadas sobre Baden, ver os dois primeiros capítulos do trabalho de Offenbacher.

7. No ano de 1895, a população de Baden era composta de 37% de protestantes, 61,3% de católicos e 1,5% de judeus. Mas nos estabelecimentos escolares de nível superior ao ensino fundamental {*Volksschule*}, cuja frequência já não é obrigatória, a distribuição religiosa dos alunos entre 1885 e 1891 se apresentava da seguinte maneira (segundo Offenbacher, *op. cit.*, p. 16):

	Protestantes %	Católicos %	Judeus %
Gymnasien	43	46	9,5
Realgymnasien	69	31	9
Oberrealschulen	52	41	7
Realschulen	49	40	11
höhere Bürgerschulen	51	37	12
Média	48	42	10

Exatamente os mesmos fenômenos verificam-se na Prússia, na Baviera, no Württemberg, nos chamados Estados imediatos {Alsácia-Lorena}, na Hungria (ver as cifras em Offenbacher, *op. cit.*, pp. 18ss.).

8. Ver as cifras dadas na nota anterior, segundo as quais a taxa de frequência aos estabelecimentos de ensino médio pelos católicos é inferior em quase um terço à sua taxa na população, e é superada em alguns pontos percentuais somente nos *Gymnasien* clássicos (essencialmente enquanto requisito para os estudos

de teologia). Remetendo à nossa exposição subsequente, cabe ainda assinalar como característico o fato de na Hungria os *reformados* acusarem num grau ainda mais acentuado os fenômenos típicos da frequência escolar dos protestantes aos estabelecimentos de ensino médio (Offenbacher, *op. cit.*, p. 19, nota).

9. Ver a demonstração disso em Offenbacher, *op. cit.*, p. 54, e as tabelas no final do trabalho.

10. [Particularmente bem ilustrada nas passagens dos escritos de Sir W. Petty, que haveremos de citar adiante.]

11. [Isso porque o exemplo da Irlanda de que Petty lança mão oportunamente tem uma razão muito simples: é que lá a camada protestante era constituída apenas de *landlords* absenteeístas. Afirmasse mais do que isso, a escolha do exemplo estaria (notoriamente) errada, como atesta a posição dos "Scotch-Irish". A relação típica entre capitalismo e protestantismo existia na Irlanda como alhures. (Sobre os "Scotch-Irish" na Irlanda, ver C. A. Hanna, *The Scotch-Irish*, 2 vols., Nova York, Putnam.)]

12. Isso não exclui, naturalmente, o fato de que também estas últimas situações tiveram consequências da mais alta importância e, sobretudo, não contradiz o fato de muitas seitas protestantes, como se discutirá mais adiante, representarem minorias diminutas, e por conseguinte homogêneas, e serem ao mesmo tempo de significação decisiva para o desenvolvimento de toda uma atmosfera de vida, com repercussões também em sua participação na vida econômica, como de regra foi o caso, por exemplo, dos calvinistas *estritos* fora de Genebra e da Nova Inglaterra, mesmo onde eles dominavam politicamente. — [Que *emigrantes* de todas as confissões religiosas da terra — indianos, árabes, chineses, sírios, fenícios, gregos, lombardos, caorcinos etc. — mudassem para outros países na condição de portadores do *aprendizado comercial* dos países mais desenvolvidos dos quais provinham, constituiu um fenômeno universal que não tem nada a ver com o nosso problema. (Brentano, no ensaio que citaremos com certa frequência, *Die Anfänge des modernen Kapitalismus* {Os primórdios do capitalismo moderno}, menciona o exemplo de sua própria família. Contudo, em todos os países e em todas as épocas, os *banqueiros* de origem estrangeira foram os portadores preferenciais da experiência e das relações comerciais. Não constituem de modo algum uma especificidade do capitalismo *moderno* e — como adiante se verá — os protestantes os encaravam como eticamente suspeitos. Outro foi o caso dos Muralt, Pestalozzi etc., famílias protestantes de Locarno emigradas para Zurique, que ali não tardaram a fazer parte das camadas portadoras de um desenvolvimento capitalista (*industrial*) especificamente *moderno*.)]

13. Offenbacher, *op. cit.*, p. 68.

14. Observações de extrema sutileza sobre a peculiaridade característica das confissões religiosas na Alemanha e na França e o cruzamento desses contras-

tes com os demais elementos culturais na luta das nacionalidades da Alsácia podem ser encontradas no excelente escrito de W. Wittich, "Deutsche und französische Kultur im Elsass", publicado na *Illustrierte Elsass. Rundschau*, 1900, publicado também em separata).

15. [Bem entendido: quando a *possibilidade* de um desenvolvimento capitalista estivesse dada de algum modo na respectiva região.]

16. Ver a respeito Dupin de St. André, "L'Ancienne église réformée de Tours. Les membres de l'église" (*Bulletin de la Société de l'Histoire du protestantisme*, tomo 4, p. 10). Também aqui se poderia uma vez mais considerar como motivo eficiente — e essa ideia soa natural principalmente ao juízo dos observadores católicos — a compulsão por *emancipação* do controle monástico ou do controle eclesiástico em geral. Mas a isso se opõe não só o juízo de adversários contemporâneos da Reforma (Rabelais inclusive), mas ainda, digamos, os escrúpulos de consciência manifestados pelos primeiros sínodos nacionais dos huguenotes (por exemplo, Primeiro Sínodo, particip. C, qu. 10, ver Aymon, *Synodes nationaux de l'église réformée de France*, p. 10) quanto a saber se um *banqueiro* poderia ser decano de uma Igreja e, não obstante a tomada de posição inequívoca de Calvino, a recorrente discussão levantada nos sínodos nacionais por membros das comunidades que se mostravam apreensivos quanto à permissão da cobrança de juros, tudo isso na verdade revela a forte participação dos círculos interessados na questão, mas mostram *igualmente*: que o desejo de praticar a "*usuraria pravitata*" sem o controle de um confessor pode *não* ter sido tão difundido. [(O mesmo vale para a Holanda — ver adiante). A *proibição da usura* inscrita no direito canônico, para falar francamente, não desempenha papel nenhum nas presentes investigações.)]

17. *Wirtschaftsgeschichte des Schwarzwalds*, I, p. 67.

18. Ver a propósito as rápidas observações de Sombart, *Der moderne Kapitalismus*, 1ª ed., p. 380. [Mais tarde, infelizmente, naquela que a meu aviso é a mais fraca de suas grandes obras nesse particular (*Der Bourgeois*, Munique, 1913), Sombart defendeu uma "tese" totalmente equivocada, à qual voltaremos oportunamente, influenciado por um escrito de F. Keller ("Unternehmung und Mehrwert", publicações da *Görresgesellschaft*, caderno 12), igualmente *abaixo* do nível de outros trabalhos modernos de apologética do catolicismo apesar de muitas observações pertinentes (mas nem por isso novas *neste* aspecto).]

19. Pois está absolutamente assente que o simples fato da mudança de pátria constitui um dos meios mais poderosos de intensificação do trabalho (ver *supra*, nota 12). A mesma moça polonesa a quem nenhuma oportunidade de lucro em sua terra, por mais atraente que fosse, conseguia arrancar de sua indolência tradicionalista, parece mudar totalmente sua natureza e é capaz de um formidável rendimento quando trabalha como trabalhadora sazonal em terra

estrangeira. Exatamente o mesmo fenômeno se dá com os emigrados italianos. Que o decisivo aqui não seja somente a influência educativa de ingressar num "meio cultural" mais elevado — por mais que esse fator evidentemente concorra para tal — revela-se no fato de que o mesmo fenômeno ocorre (como na agricultura, por exemplo) lá onde o *modo* de atividade é exatamente o mesmo que no país de origem e o alojamento dos trabalhadores em barracas provisórias etc. condiciona até mesmo um rebaixamento temporário do nível de vida que jamais seria tolerado na terra natal. O simples fato de trabalhar num ambiente totalmente diverso do habitual rompe aqui o tradicionalismo, um fator "educativo". Mas é preciso frisar o quanto o desenvolvimento econômico americano repousa em tais efeitos. Na Antiguidade, pode-se dizer que o exílio na Babilônia teve para os judeus uma significação sensivelmente análoga, e o mesmo vale para os persas, por exemplo. — Para os protestantes, no entanto, como já revela a inegável diferença na peculiaridade econômica das colônias puritanas da Nova Inglaterra em relação ao Maryland católico, ao Sul episcopal e ao Rhode Island interconfessional, o impacto de sua peculiaridade religiosa desempenhou manifestamente o papel de um fator *independente* [como na Índia para os jainistas].

20. [Como todos sabem, na maioria de suas formas ela é um calvinismo ou um zwinglianismo mais ou menos *temperado*.]

21. [Na Hamburgo quase puramente luterana, a *única* fortuna que remonta ao século XVII pertence a uma conhecida família *reformada* (devo essa informação à amabilidade do professor A. Wahl).]

22. [Não é pois nenhuma "novidade" afirmar aqui essa correlação, sobre a qual já se debruçaram Lavaleye, Matthew Arnold e outros; novidade é duvidar dela sem a menor fundamentação. *Explicá-la* é que é o xis do problema.]

23. Isso naturalmente não impede que o pietismo oficial, do mesmo modo que outras correntes religiosas, mais tarde se opusesse a certos "progressos" da organização capitalista da economia — por exemplo, a transição da indústria em domicílio para o sistema fabril — apelando para convicções patriarcais. Cumpre justamente distinguir com toda a nitidez entre o que uma corrente religiosa *almejava* como ideal e o impacto *efetivamente exercido* sobre a conduta de vida de seus adeptos, como ainda haveremos de constatar várias vezes. [(Sobre a específica disposição para o trabalho da mão de obra pietista, há alguns exemplos que encontrei numa fábrica na Vestfália em meu ensaio "Zur Psychophysik der gewerblichen Arbeit", *Archiv für Sozialwissenschaft*, vol. XXVIII, p. 263ss.)]

2. O "ESPÍRITO" DO CAPITALISMO (PP. 41-69)

24. A passagem final foi extraída de *Necessary Hints to Those that Would Be*